
Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo

*Natalia Pietra Méndez**

Resumo: O artigo apresenta uma discussão sobre as relações de poder entre o feminismo e a imprensa no Brasil contemporâneo, enfatizando as formas de dominação impostas por um pensamento misógono hegemônico na imprensa e, ao mesmo tempo, as interlocuções que o feminista estabeleceu com os meios de comunicação escritos em momentos diferentes da história recente do País. O artigo discute a situação do feminismo diante da imprensa nas primeiras décadas do século XX, bem como as experiências de recepção do pensamento feminista – que teve seu revigoramento nas décadas de 60, 70 e 80, em face das mudanças sociais em curso na sociedade brasileira. Por fim, analisa um caso específico de vínculo entre feminismo e imprensa, trazendo à luz a importante contribuição da escritora Carmen da Silva e sua coluna *A arte de ser mulher*.

Abstract: This article presents a debate about the relationships of power between feminis, and the press in Contemporary Brazil, emphasizing the domination forms imposed by a misogynous and dominant thinking of the Brazilian press as well as the interlocutions that feminists established with the written means of communication in different moments of the recent history of the country. The article debates not only the relation between feminism situation and the press in the first decades of the 20th century, but also the reception experiences of the feminist thinking – that had its new strength in 1960s, 1970s and 1980s, in the face of social changes in progress of the Brazilian society. At last, it analyses a specific case which links the feminism and the Brazilian press, bringing to light the important contribution of the Brazilian writer Carmem da Silva and her column *A arte de ser mulher* (The art of being woman).

Palavras-chave: Feminismo. Imprensa. Poder.

Key words: Feminism. Press. Power.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* npietra@ig.com.br

Introdução

Abordar as relações do feminismo com a imprensa é, sem dúvida, tratar de uma relação de poder. A imprensa brasileira tem apresentado (de forma majoritária) um comportamento refratário aos ideais feministas, utilizando-se de diversos mecanismos discursivos para desqualificá-los. Todavia, essa relação nem sempre se sucedeu de forma vertical. Como toda relação de poder, o contato entre a imprensa e o feminismo vem sendo construído através de práticas de dominação e resistência. Assim, os ideais feministas encontraram, ao longo da História recente do País, formas de driblar o pensamento misógeno dominante na imprensa brasileira.

Este artigo apresenta uma discussão sobre as relações de poder entre feminismo e imprensa no Brasil contemporâneo. O artigo está dividido em três partes. A partir da historiografia produzida sobre o tema, na primeira parte, faço uma análise da relação do feminismo com a imprensa nas primeiras décadas do século XX, momento que foi marcado pela ascensão de um feminismo de caráter liberal, ou seja, que se pautava pela busca do reconhecimento dos direitos civis para a população feminina. Na segunda seção, analiso as relações do feminismo com a imprensa no período dos anos 60 a 80. Essas três décadas assistiram ao ressurgimento de uma nova leva de pensadoras feministas, bem como a organização de movimentos sociais reivindicatórios de caráter emancipacionista. Foi a partir desses grupos que surgiu uma imprensa feminista que passou a circular em todo o Brasil. Paralelamente, o feminismo passou a ocupar as páginas de veículos de comunicação que já existiam no mercado jornalístico. Na terceira parte do artigo, pretendo apresentar o que considero um caso bem-sucedido de inserção do pensamento feminista em veículo de comunicação escrito. Trata-se do trabalho desenvolvido durante os anos 60 a 80 pela jornalista Carmen da Silva na *Revista Cláudia*, autora de uma coluna intitulada *A arte de ser mulher*.

Cabe destacar que o conceito feminismo possui diversas facetas: pode tanto ser considerado um movimento social voltado às reivindicações específicas da população feminina quanto uma corrente de pensamento que elabora novos saberes destinados a questionar as relações historicamente construídas entre mulheres e homens. É nessa última acepção que o termo *feminismo* será utilizado neste artigo, pois seu objetivo é demonstrar como as idéias feministas foram recepcionadas pela imprensa brasileira.

No espaço deste artigo, a categoria *gênero* possibilita uma leitura das relações de dominação e resistência vivenciadas por homens e mulheres. Tal concepção é influenciada pelas contribuições da História Social, que possui como referência os estudos de Edward. P. Thompson, sendo que nas pesquisas que utilizam o conceito de gênero destacam-se as reflexões das historiadoras Louise Tilly e Eleni Varikas. A partir dessas concepções, as análises de gênero na história estudam os aspectos discursivos que contribuem para a formação das identidades de gênero apontando para seu caráter transitório e mutável. Vinculam as relações de gênero a outras categorias de análise como *classe, raça, nacionalidade*, para reconstruir as experiências de mulheres no passado.¹

A imprensa do início do século XX e os ideais feministas

Nas últimas décadas do século XIX, o papel social da mulher passou a ser discutido de forma explícita na imprensa brasileira. Nesse contexto, existiu uma organização significativa de parcelas da população feminina que lutava pelo reconhecimento dos direitos básicos da cidadania. Com o crescimento do movimento republicano, tais reivindicações ganharam novo fôlego. A possibilidade de o País adotar um regime republicano fazia crescer as expectativas do reconhecimento das brasileiras enquanto consideradas cidadãs.

Desde as últimas décadas do século XIX, registra-se a existência de uma imprensa feminina dedicada a propagar a defesa da educação para as mulheres, o direito ao voto e até mesmo ao divórcio. Entre esses jornais, destacaram-se *O Sexo Feminino*, de Minas Gerais, publicado em 1873; *O Eco das Damas* (lançado em 1879, no Rio de Janeiro) e *A Família*, publicado em São Paulo, em 1888. (TELLES, 1993, p. 33-36). Todavia, o advento da República não trouxe consigo o reconhecimento da cidadania à população feminina. A Constituição de 1891 não se pronunciou sobre o direito ao voto para as mulheres. Ficou o entendimento tácito de que essas não precisavam sequer ser mencionadas na Carta Magna da República brasileira.

A atuação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) marcou uma primeira fase do pensamento feminista no Brasil. De acordo com Céli Pinto, a ação da FBPF poderia ser caracterizada como um feminismo “bem comportado” em oposição ao feminismo “malcomportado” das anarquistas que, na mesma época, defendiam a

centralidade da questão do trabalho para a emancipação feminina e a opressão como decorrência do poder masculino:

Em suma, se a luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, não era tão-somente porque esta se colocava como a luta do momento nos países centrais, mas também porque encontrava respaldo entre os membros dessa elite e conseguia respeitabilidade até na conservadora classe política brasileira. Era, portanto, um feminismo bem comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais. [...] Aí reside um paradoxo: é nesses espaços revolucionários, não feministas em princípio, que se encontravam, nas primeiras décadas do século XX, as manifestações mais radicalmente feministas, no sentido de uma clara identificação da condição de explorada da mulher como decorrência das relações de gênero. Diferentemente da luta das sufragistas, essas mulheres apontavam sem meias palavras a opressão masculina. (PINTO, 2003, p. 26-34).

Contudo, verifica-se que mesmo esse feminismo respaldado pelas elites encontrou uma significativa crítica no âmbito da imprensa. Em artigo intitulado *Sutiliza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*, Rachel Soihet comentou a utilização da comicidade e da ironia por parte da imprensa carioca no fim da comicidade e da ironia por parte da imprensa carioca ao término do século XIX e início do século XX. Conforme a autora, nessas décadas, a mulher emancipada era vista como a fonte de todos os problemas sociais, pois, ao negar seu papel de mãe e esposa, estaria provocando uma espécie de desequilíbrio na ordem natural. Por essa razão, tanto a imprensa quanto a ciência elaboraram um discurso que pretendia desconstituir o feminismo:

À primeira vista, essa maneira burlesca de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos não guardaria maiores conseqüências, visando apenas divertir o público leitor. Na verdade, porém, percebe-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações numa das modalidades de violência simbólica contra as mulheres. Isto, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca da falta de seriedade das preocupações femininas, ao contrário das masculinas. Por outro lado, não poucas das mulheres tendem a

incorporar esse discurso divulgado nos diversos meios de comunicação, identificando as feministas como “viragos”, pesadas como elefantes, perigosas, tendentes a incorrer em transgressões criminais. Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente atualizado, de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva as mulheres a rejeitarem sua inserção no feminismo e até a combatê-lo. (SOIHET, 2001, p. 108-109).

Em artigo intitulado *Recônditos do mundo feminino*, as autoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott discutem que o discurso da imprensa nos primeiros anos do século XX reservava às mulheres apenas a esfera do espaço doméstico. A par do ingresso cada vez maior das mulheres no mundo do trabalho, encontrava-se um discurso conservador por parte da imprensa, implacável com a mulher emancipada. Em uma passagem do artigo, as autoras analisam uma charge jornalística de 1926 que retratava uma mulher dirigindo-se ao seu trabalho enquanto o marido, desesperado e retratado como um pobre infeliz, permanecia no lar atrapalhado com as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Conforme as autoras,

diante da variedade de questionamentos, experiências e linguagens tão novas que as cidades passaram a sintetizar, intelectuais de ambos os sexos elegeram como os legítimos responsáveis pela suposta corrosão da ordem social a quebra de costumes, as inovações nas rotinas das mulheres e, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres. (MALUF; MOTT, 1998, p. 371-372).

Assim, nas primeiras décadas do século XX, assiste-se aos esforços do feminismo liberal em afirmar os direitos civis das mulheres. Igualmente importante foi a contribuição das mulheres anarquistas, organizadas em associações e sindicatos, para a emancipação no mundo do trabalho e a afirmação dos direitos das trabalhadoras. Todavia, em que pesem essas ações de resistência, o poder do discurso misógeno configurava um impasse para a ruptura dos papéis sociais historicamente construídos para as mulheres. Mais uma vez, assim como no mito de Eva e Pandora, que carregaram consigo o pecado original da humanidade, os problemas advindos do processo de modernização do Brasil foram julgados como decorrentes do atrevimento feminino. As mulheres, ao tentar desafiar suas funções ditas naturais, ao buscar sua emancipação e a realização em outros papéis que não apenas nos de esposa e mãe, infringiram a fronteira

do mundo privado. Por isso, foram responsabilizadas pelas mazelas sociais emergentes. A imprensa atuou como protagonista na tentativa de normatizar o papel da mulher enquanto “rainha do lar” e de desqualificar o pensamento feminista.

Imprensa e feminismo nos anos 60-80

Nas três décadas que englobam os anos de 60 e 80 do século passado, o pensamento feminista e os movimentos sociais de mulheres desempenharam um papel relevante na reconfiguração das relações sociais de gênero no Brasil. Fatores como o aumento da escolaridade, da inserção no mercado de trabalho, a propagação cada vez maior de métodos anticoncepcionais eficazes, entre outros, foram extremamente importantes neste processo. Contudo, não cabe analisá-los no espaço deste artigo. Dentro do propósito deste, examinarei as relações entre o pensamento feminista e sua recepção na imprensa brasileira.

No início do período em questão, o Brasil vivenciou um momento de grave crise institucional desencadeado pela posse do presidente João Goulart em 1961. Desde esse momento, setores conservadores da sociedade passaram a articular-se para derrubar o então presidente. Tais articulações resultaram no golpe militar de 1964, que manteve o País sob a égide de uma ditadura militar até o ano de 1985.

Nesse cenário, à margem de correntes intelectuais que detinham a hegemonia do conhecimento nos espaços sociais e acadêmicos, começou a despontar um novo olhar sob a realidade brasileira. Havia, naquele contexto, um conjunto de pensadoras, ainda poucas, que passaram a elaborar questionamentos voltados a compreender quais foram os papéis sociais femininos e masculinos ao longo da História do Brasil e como esses papéis preestabelecidos se refletiram em condições de vida singulares e desiguais para homens e mulheres. Mais do que repensar a História, tais reflexões colocavam em xeque o conhecimento socialmente acumulado acerca da população feminina, problematizando sua inserção socioeconômica, os espaços destinados à mulher no mercado de trabalho, o acesso à educação, a uma participação política qualificada, as relações familiares e interpessoais.

Pouco a pouco, o pensamento feminista contribuiu para a formação de grupos de discussão sobre as condições sociais da mulher brasileira. No fim dos anos 70, existiam no Brasil diversos grupos de atuação local

e nacional influenciados pelas idéias feministas que deram origem a um consistente movimento social. Tanto o pensamento intelectual feminista quanto sua expressão como movimento social encontraram na imprensa um espaço cativo para expressar seus ideais. Entretanto, esse contato com a imprensa brasileira foi interposto por relações de poder nas quais é possível observar fluxos de reciprocidades, afastamentos, dominações e resistências.

O feminismo encontrou severas críticas tanto na imprensa de cunho conservador quanto em jornais e revistas considerados progressistas, ou representantes de um pensamento de esquerda.

Explicar historicamente esse complexo relacionamento entre feminismo e imprensa implica uma aproximação a algumas possibilidades de análise. Nesse sentido, chama a atenção um artigo produzido pela pesquisadora Simone Schmidt que estudou o feminismo nas páginas de jornais, destacando a existência de uma aceitação do feminismo ao longo dos anos 70. Porém, a autora analisa que, a partir dos anos 80, houve um recuo dessa simpatia ao feminismo pelos meios de comunicação dirigidos à área da cultura. A autora centrou sua análise no caderno *Mais!* – publicado pelo jornal *Folha de São Paulo* – que reflete, em boa medida, o pensamento intelectual do Centro-Sul do Brasil e, além disso, pode ser compreendido como um veículo formador de opinião.

A hipótese central de Schmidt é de que tais movimentos de aceitação/reprovação do feminismo nas páginas de jornais são variáveis na medida em que há um maior ou menor predomínio de idéias que a autora denomina “conservadoras”. Ou seja, de acordo Schmidt (2000), haveria a interferência de um contexto histórico marcado nos anos 70 pela rebeldia, pela contestação aos governos militares, pelas revoluções sociais e a emergência de novos movimentos, que tornaria a intelectualidade brasileira mais simpática ao feminismo. Já nos anos 80, a autora identifica um recuo de tais pensamentos e um agrupamento da intelectualidade em torno dos ideais neoliberais, o que justificaria uma tentativa de apagar o feminismo das páginas dos jornais.

Entretanto, uma análise de outros veículos de imprensa, inclusive identificados com um pensamento considerado de esquerda, colocam dúvidas sobre o alcance da proposta interpretativa apresentada por Schmidt.

Vale aqui lembrar o caso da já antológica entrevista que a feminista norte-americana Betty Friedan concedeu ao jornal *Pasquim*, em sua visita ao Brasil, no início dos anos 70. Sua viagem fora organizada por uma

reconhecida pensadora feminista, Rose Marie Muraro, encarregada de escrever o prefácio do livro *Mística feminina*, de Betty Friedan, publicado no Brasil, em 1971. Questionada por intelectuais como Glauber Rocha, Paulo Francis e Jaguar, a escritora teve que se desviar das farpas e piadas lançadas pelos renomados jornalistas que insistiam em perguntar, utilizando-se da ironia, se ela havia vindo ao Brasil para questionar “as posições” das mulheres brasileiras.

Reconhecido meio de propagação das idéias de uma esquerda independente, o *Pasquim* seguidamente utilizava-se do humor e da ironia para desmerecer as concepções do feminismo. Como destaca a historiadora Rachel Soieith, o jornal, através de charges e matérias, corriqueiramente caçoava das militantes feministas chamando-as de “masculinizadas, feias, despeitadas”. A historiadora chama a atenção para o fato de como esse veículo de comunicação, identificado com posições progressistas e de esquerda, que servia de “abre alas” para a luta contra a ditadura militar, utilizava-se largamente das piadas machistas que refletiam velhas e conservadoras opiniões da elite brasileira acerca da situação da mulher na sociedade.

Cito aqui um trecho do artigo *Formas de violência, relações de gênero e feminismo*, de Soieith que demonstra um exemplo da relação conflituosa dos intelectuais do *Pasquim* com o feminismo:

Mais adiante, à provocação de Millôr Fernandes de que o movimento das mulheres não teria um objetivo, Friedan replica, reiterando sua vinculação com o todo.

O movimento da mulher é apenas uma parte do todo de uma grande revolução humana que está acontecendo no meu país. No atual estágio dessa revolução a mulher é uma parte muito importante, mas ela não é um fim em si mesmo. É uma parte integrante da contracultura. Em várias faculdades e uma universidade de absoluta maioria masculina em Berkeley, em todo lugar, tenho falado dessa questão de libertação, não só da mulher mas também do homem... Mas, o que ela falou pouco importou, já que o que o próprio Millôr, posteriormente, em fevereiro de 1972, frisa: o orgulho de ser considerado porco chauvinista, já que quem assim o julgou foi Betty Friedan em pessoa, e ela em pessoa é muito mal apessoada. (SOIETH, 2001, p. 24).

Claramente, o jornalista em questão utilizou argumentos pertinentes apenas aos atributos físicos da feminista norte-americana para desqualificá-la e, conseqüentemente, depreciar sua condição

intelectual. Ou seja, reeditou uma visão do senso comum de que a mulher, se feminista, seguramente assume essa posição pelas dificuldades de relacionamento com o sexo masculino devido ao fato de não se enquadrar nos padrões de beleza. Ou seja, o jornalista reviveu o velho clichê da mulher-feia-mal-amada-feminista, deixando subentendido que se ela fosse formosa, certamente não seria defensora das mesmas idéias. O *Pasquim* utilizava-se do humor para afirmar que o feminismo era um movimento próprio de senhoras malresolvidas nas suas relações com o sexo oposto. Contudo, é interessante notar que é justamente este mundo – masculino por excelência – que determinava o protótipo de beleza feminino e os comportamentos corretos ou depreciáveis em uma mulher.

Em uma outra entrevista realizada pelo mesmo jornal com a atriz Tônia Carrero, a manchete destacava que o *Pasquim* só entrevistava mulheres “bonitas e inteligentes”. Percebe-se que o adjetivo “bonita” vem antes do “inteligente”. Seria essa uma mera construção semântica? Tudo indica que não. Mais uma vez, percebe-se uma hierarquia de qualidades sendo atribuída às mulheres. Em primeiro lugar, essas precisam ser consideradas – pelos padrões masculinos – bonitas. Se, além de belas, forem inteligentes, ainda melhor.

Todavia, é interessante notar que o mesmo jornal, em 1969, publicou uma entrevista – considerada, à época, bombástica – com a atriz Leila Diniz na qual essa defendia o amor livre, o direito de expressão das mulheres e a liberdade sobre o próprio corpo. Sua entrevista, em síntese, levantava muitas bandeiras reconhecidamente feministas. Leila Diniz, na época, foi aclamada pelos jornalistas do *Pasquim*, e recebeu um tratamento bastante diferente daquele dedicado à Betty Friedan.

A repercussão da referida entrevista foi tão grande que o governo militar, através do ministro da Justiça Alfredo Buzaid, aprovou o Decreto 1.077, que permitia a censura prévia à imprensa. A medida ficou conhecida como “Decreto Leila Diniz”. Essa pequena comparação entre os episódios que envolveram um mesmo veículo de comunicação permite inferir que o posicionamento da intelectualidade brasileira acerca dos ideais feministas era mais complexo do que em um primeiro olhar se possa definir. O *Pasquim* refletia, ao seu modo, as contradições que estavam introjadas na mentalidade de toda a esquerda brasileira em relação ao feminismo. Mesmo que a intencionalidade do *Pasquim* não fosse contribuir diretamente para a divulgação de tal pensamento, a repercussão que a entrevista com Leila Diniz teve no seio da sociedade brasileira certamente colaborou para desequilibrar a ascendência de certos

papéis femininos, hegemônicos na mentalidade social do Brasil daquele período.

Assim sendo, a relação da imprensa progressista com o feminismo oscilava entre a aprovação, simpatia, também trilhando o caminho da sátira, da ironia e da reprovação que, como corretamente aponta Soiet, podem muito bem representar faces diferentes de uma cultura misógena.

Essa postura de desqualificação era (e de certa forma ainda permanece) sendo muito naturalizada nos meios de comunicação acadêmicos e políticos. E quando, eventualmente, alguma mulher protesta contra a utilização do humor e do sarcasmo para debater ou comentar as idéias feministas, acaba sendo qualificada por seus pares como uma “radical”. No entanto, a ironia pode ser apontada como uma das formas mais eficazes de negar a legitimidade necessária no campo do saber e no campo político, pois aquilo que é motivo de escárnio jamais será devidamente reconhecido como uma questão social pertinente. Tal estratégia, conseqüentemente, pode ser compreendida como uma atitude que se enquadra dentro das relações de força que pautam os campos sociais e que fazem parte dos mecanismos de revogação da validade do feminismo como uma proposição capaz de analisar a realidade social.

Para reforçar essa idéia, é possível lançar um olhar sobre a relação da imprensa gaúcha com o feminismo no período histórico em questão. No fim dos anos 70, diversos grupos em defesa dos direitos das mulheres se constituíram na capital gaúcha, a medida que o feminismo ascendia em todo o País. A imprensa acompanhou essa tendência de forma muito atenta. Através da análise das fontes jornalísticas da época, se percebe que o feminismo confrontou-se, em diversos momentos, com um tratamento pejorativo por parte da imprensa. Expressões “grupo do chá das cinco” ou “feministas de uma figa” eram utilizadas para designar aquelas que ousavam introduzir no contexto rio-grandense um novo olhar sobre a realidade social.

Feminismo, tolice feminina? Com esse título, um jornalista de Porto Alegre saudou no jornal *Folha da Tarde* a fundação do Movimento de Mulheres de Porto Alegre (MML). Seu autor se declarava um liberal, com “pouquíssimos preconceitos”. Entretanto, ao saber da fundação do MML escreveu:

Sou forçado a admitir, que tais organizações do tipo Woman's Lib são ridículas e quase sempre são lideradas por mulheres que estão de mal com o mundo. [...] Não sei, sinceramente, o que o MOMULI está

querendo neste momento difícil da vida nacional, mas nem por isso bancarei o futurólogo prenunciando a vida efêmera dessa estranha organização que passará a nos marcar de cima.

E conclui:

Portanto, prezadas feministas do MOMULI, devagar com o andor que o santo é de barro. Esse negócio de ficar malhando os homens, culpando-os com a responsabilidade da submissão feminina, não é bem assim. Quem fica nesse papo merece o castigo de uma cozinha engordurada, filhos ranhentos, cacetadas semanais do marido alcoólatra e prestação da Louro no cartório. Mulher inteligente não curte papo feminista. Mulher inteligente tem até marido submisso. Que cozinha para ela, faz chazinho todas as manhãs cuidando do regime dela e vive repetindo: sou o marido mais feliz do mundo. Acreditem dondocas. (*Folha da Tarde*, 1979).²

A partir da análise desse artigo, é possível constatar diversos conceitos que elucidam como parte da imprensa, e mesmo do meio político porto-alegrense, percebia o feminismo. Primeiro, o termo em si remetia automaticamente a grupos existentes principalmente nos Estados Unidos, que possuíam uma concepção marcadamente sexista. Entretanto, não foi essa a concepção que norteou a maioria dos grupos organizados no Brasil. Isso mostra um desconhecimento por parte da imprensa das diversas facções que permeavam o pensamento feminista. Ao mesmo tempo, o comentário do jornalista denota temor com uma possível disputa hegemônica que essas mulheres poderiam estabelecer com os homens. Tal temor fica explícito quando ele diz que as feministas acusavam os homens pela “submissão” das mulheres.

Em segundo lugar, o artigo questiona a necessidade de levantar as bandeiras feministas diante do cenário político nacional. O objetivo é minimizar a relevância do feminismo ante a conjuntura vivida pelo Brasil, desqualificando, desse modo, o mérito das discussões sobre a situação das mulheres. Para finalizar a voracidade do ataque, o autor do artigo, na contramão do discurso feminista, faz uma apologia à violência doméstica como um merecido castigo às mulheres que insistirem nesse *papo de feminismo*.

A opinião do referido jornalista não era isolada. Guardando as devidas diferenças, observa-se que mesmo veículos de imprensa incorporados ao chamado campo progressista – como setores alinhados

com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – consideravam a luta pela emancipação feminina uma questão secundária diante da necessidade de enfrentar o regime ditatorial e redemocratizar o Estado brasileiro. Assim, tudo indica que a questão da política nacional e a necessidade de articular uma oposição ao regime militar muitas vezes serviu de “cortina de fumaça” para mascarar um preconceito contra o feminismo e suas militantes.

O vocabulário utilizado para referir-se às feministas era compartilhado tanto pela imprensa de cunho mercadológico quanto por aquela pretensamente progressista. Essas eram vistas como mal-amadas, dondocas e históricas. Por conseguinte, ocorria de certa parte da imprensa e dos meios políticos uma banalização do discurso feminista, na tentativa de transmitir à opinião pública a idéia de que o objetivo do movimento era *malhar* os homens. Todavia, em que pese a relação por vezes virulenta da imprensa com os ideais feministas, é inegável que esses constituíam pauta freqüente em jornais e revistas, o que mostra a relevância que tais ideais conquistavam dentro da sociedade brasileira.

Como compreender então a difícil relação entre imprensa e feminismo? Talvez seja necessário, para melhor entender essa questão, analisar um caso bem-sucedido de recepção dos ideais feministas por um meio de comunicação da imprensa brasileira.

A complexa arte de ser mulher

Uma senhora de respeito. Foi desse modo que a psicóloga, jornalista e escritora gaúcha Carmen da Silva se definiu em seu romance autobiográfico publicado em 1984, *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. O livro é uma mistura, de acordo com a própria autora, de experiências pessoais, de feministas que conviveram com Carmen e de muitas mulheres cujas histórias de vida saíram do anonimato através da coluna *A arte de ser mulher*, publicada ao longo de três décadas (60, 70 e 80) pela *Revista Cláudia*. Trata-se de histórias de mulheres que viveram sua juventude e sua consolidação profissional ao longo das décadas de 50, 60 e 70. São muitas Carmens, Marias, Joanas e Rosas. A autora é enfática ao recusar o termo “estórias” que, segundo ela, possuiria uma “intenção marota de traçar uma linha divisória entre o pessoal e o coletivo, desvinculando os sucessos individuais do curso da História”. (SILVA, 1984, Prefácio).

A coluna *A arte de ser mulher* teve seu primeiro artigo publicado no ano de 1963 e influenciou diversas gerações ao tratar, de forma independente e livre de preconceitos, de temas vinculados ao feminismo. Carmen não foi apenas uma ativista engajada no movimento feminista. Foi uma das precursoras no exercício intelectual de pensar a realidade da mulher brasileira, em discutir seus problemas de forma pública e irrestrita, levando a discussão do feminismo para um leque extremamente amplo de leitoras e leitores.

O sucesso de uma escritora que colocava na pauta dos veículos de comunicação de massa questões feministas que, na época, eram ainda timidamente discutidas dentro dos próprios meios intelectuais era um sintoma de que a sociedade brasileira atravessava profundas mudanças. Sem dúvida, a década de 60 viveu um salto quantitativo e qualitativo no que se refere à ocupação do espaço público pela população feminina.

Cabe salientar que a *Revista Cláudia* não diferia em sua essência de outras publicações destinadas à população feminina de classe média. Tratava de temas frívolos do cotidiano da mulher consumidora: moda, novidades em tratamentos cosméticos, receitas culinárias, entre outros. Porém, a coluna de Carmen acentuou na revista o seu caráter de informação e formação, publicando artigos que estavam notoriamente sintonizados com as alterações em curso na sociedade e a configuração de novas relações de gênero.

É dentro desse contexto que Carmen da Silva, após uma longa experiência como jornalista e escritora radicada em Buenos Aires, retornava ao Brasil no ano de 1962, vindo a morar no Rio de Janeiro. No ano de 1963 recebeu convite para escrever uma coluna que, inclusive, já tinha nome: *A arte de ser mulher*. Movida por uma profunda sensibilidade que lhe permitia captar os graduais movimentos de mudança que perpassavam a realidade das mulheres, Carmen percebeu o quanto essa realidade estava, cada vez mais, distanciada dos mitos femininos cristalizados na mentalidade misógina instaurada no País. Sua coluna nasceu, conforme Thomaz Souto Corrêa, redator-chefe da revista em 1963, com o objetivo de que

alguém mostrasse para nossas leitoras que a mulher precisava se preparar para uma nova posição na vida, que os costumes estavam mudando, e que a mulher tinha que se conscientizar de que sua situação era igual à do homem, ao lado do homem, fosse ela uma dona-de-casa, ou uma profissional em qualquer atividade (Apud CIVITA, 1994, p. ???).³

A escritora redigiu um artigo intitulado *Nós*, em comemoração aos seis anos de existência de sua coluna, sobre a importância de seu trabalho e a recepção do público leitor, que batizou seus escritos de “lambadas verbais”:

Realizo um esforçado trabalho de formiga, procurando despertar em alguns setores de mulheres brasileiras a consciência de seu próprio valor como pessoas e não como meras figuras subalternas, apêndices sociais e sexuais do homem, entes biológicos a serviço da espécie, objetos: quer de adorno, quer de utilidade doméstica. Desgasto os dedos a escrever e os pulmões a clamar incitações no sentido de que nossa mulher assuma sua dignidade – uma dignidade que não lhe advém do papel de fêmea, mas sim do pleno exercício de sua liberdade, indissolivelmente ligada ao desempenho de suas responsabilidades humanas e sociais. Não descobri tais realidades, não sou a primeira nem a única a empunhar essa bandeira: em qualquer contexto sócio-cultural [sic] mais adiantado que o nosso, minha pregação de verdades há tanto tempo aceitas e assimiladas só provocaria bocejos de caceteação: o público me reclamaria algo mais novo. Por certo, aqui e agora, julgo meu trabalho válido e necessário. (SILVA, 1969).

Esse trecho do artigo de Carmen da Silva denota o vínculo da escritora com as idéias feministas de emancipação e autonomia, da negação dos determinismos biológicos, da compreensão do relevante papel social que as mulheres podiam empreender como seres humanos livres. Ao mesmo tempo, a escritora afirmava que suas “verdades” eram válidas – e necessárias – naquele momento histórico. E que em outros contextos, segundo ela mais adiantados, suas palavras não teriam sentido. Percebe-se que, na compreensão de Carmen, seus textos só assumem um significado concreto a partir da recepção do público leitor. E como era essa recepção? Esse tema é de sumo interesse para perceber as relações de poder entre o pensamento feminista (subalterno) e o pensamento misógeno (hegemônico).

Durante os mais de vinte anos em que a coluna *A arte de ser mulher* foi publicada, não foram poucos os ataques às idéias que ela pregava. Em um artigo comemorativo aos 16 anos da coluna, Carmen avaliou o tempo de trabalho dividindo-o em três fases: a Fase do Despertador, na qual pretendeu “acordar” as mulheres; a segunda fase, de acordo com a escritora, caracterizou-se por ser “absolutamente institucional”. Nela,

abordou temas como concórdia e discórdia conjugais, conflitos geracionais, etc. A terceira fase de seus artigos foi definida como a fase do “resmungo”:

Entendendo-se por “resmungo” como a denúncia fundada e sistemática das disparidades, injustiças e discriminações, a exploração da mulher, a asfixia de sua personalidade, a manipulação de sua afetividade, a repressão de sua sexualidade, a opressão grosseira ou dissimulada sobre ela, a tenaz lavagem cerebral tendente a fixar a idéia da inferioridade natural do sexo feminino. (SILVA, 1979, p. 48).

Foi nessa terceira fase de seus escritos que Carmen da Silva assumiu publicamente sua identidade como feminista. Seus artigos incorporaram um caráter de denúncia e combate às desigualdades de gênero. Nesse momento, a autora declarou que passou a sofrer os maiores ataques ao seu pensamento:

Assumindo uma posição feminista pública e notória, tornei-me sumamente vulnerável à crítica e ao ataque. Com poucas e honrosas exceções, os homens – relações pessoais, profissionais, casuais – passaram a me desafiar, provocar, interpelar. [...] Queria fazer de mim, como aliás de todas as feministas, uma máquina de prestar contas. (SILVA, 1979, p. 48).

E concluiu: “A submissão milenar ao mito do machismo impõe ao caráter masculino tal rigidez que mesmo os homens mais conscientes e lúcidos lutam com enormes dificuldades íntimas quando tentam despir a couraça e se humanizar.” (SILVA, 1979, p. 50).

Apesar das críticas recebidas pela colunista, a *Revista Cláudia* continuou a publicar *A arte de ser mulher* até o ano de 1985, quando Carmen da Silva faleceu aos 66 anos de idade. A perda precoce dessa singular pensadora feminista deixou um vazio na imprensa brasileira, principalmente nas revistas dedicadas ao público feminino, que ficou órfão de suas “lambadas verbais”. Por sua vez, a editoria da revista decidiu pelo encerramento de sua coluna. Teria a sociedade brasileira alcançado um patamar tal de equilíbrio e liberdade nas relações entre os sexos? Que fatores podem explicar o ofuscamento do feminismo nas páginas da imprensa a partir de meados dos anos 80? Talvez a própria Carmen, com sua tão característica sensibilidade e inteligência à frente de seu tempo, já tenha indicado, há algumas décadas, possíveis respostas para essas interrogações.

Considerações finais

Em artigo intitulado *Porque sou feminista*, publicado no início dos anos 70, Carmen da Silva constatava que estava em curso uma reavaliação do papel feminino e da imagem da mulher na sociedade que podia ser percebida pela significativa recorrência de temas vinculados ao feminismo nos meios de comunicação de massa. De acordo com a escritora, “escreve-se e fala-se muitíssimo a respeito (é tema de atualidade e ‘dá ibope’)”. Contudo, a presença de tantas discussões acerca do cotidiano da mulher não significava, necessariamente, uma absorção de suas reivindicações mais profundas:

Em síntese: mulher passou a ser tema cotidiano de debate; mas é isso e nada mais que isso o que se lhe dá: palavras, palavras, palavras. Com a clara intenção de explorar a “moda” do feminismo e transformá-lo em apenas mais um artigo de consumo, absorvê-lo e “industrializá-lo” para melhor chegar a sua neutralização: é o método mais moderno para acabar com contestações e protestos. (SILVA, 1994, p. ????????)⁴

A escritora denunciava a construção de uma relação mercadológica da imprensa com o feminismo. Essa, segundo Carmen, tomava emprestada algumas de suas bandeiras e idéias a fim de absorvê-las. Ao mesmo tempo, vendia o feminismo, percebendo que era o tema que interessava ao público leitor, confuso diante das rápidas mudanças e questionamentos que se processavam na sociedade brasileira. Em um momento de crise de valores, as pessoas estariam desejosas pelo consumo de novas idéias.

Ao lançar um olhar sobre a relação que a imprensa brasileira – neste início do século XXI – estabeleceu com o pensamento feminista, chega-se à conclusão de que as previsões feitas por Carmen fazem muito sentido na atualidade. As revistas e os encartes de jornais destinados ao público feminino foram assumindo um discurso que reconhece a emancipação da mulher enquanto essa pretensa liberdade contribuir para transformá-la em objeto da sociedade de consumo. Ou seja, a mulher é vista não como sujeito de ações e mudanças capaz de construir novas relações sociais, mas como elemento da sociedade capitalista enquanto geradora de renda e usuária de mercadorias e serviços. Para cumprir esse novo papel social, os meios de comunicação propagam a idéia de mulher emancipada, bem-sucedida no mercado de trabalho, mas que, ao mesmo tempo, não abriu mão de sua feminilidade. Essa feminilidade, no entanto,

é compreendida como um conjunto de atitudes e práticas sociais que podem ser resumidas pelo trinômio esposa-mãe-profissional, não necessariamente nessa ordem. Na atualidade, percebe-se que a imprensa brasileira regozija a mulher que consegue cumprir perfeitamente esse papel. Para isso, a mulher necessita possuir importantes aliados: eletrodomésticos cada vez mais eficazes, um sem-número de alimentos prontos e de fácil preparo, produtos de limpeza que facilitem seu trabalho doméstico, e, como não poderiam faltar, abundantes produtos destinados a conservá-la jovem, bela e atrativa para seu esposo. A imprensa congratula-se com esse feminismo pasteurizado, que, ao que tudo indica, contribuiu para edificar uma nova imagem da mulher, aparentemente independente e livre, porém, condenada a ser – no máximo – sujeito da sociedade de consumo. Pouco se debate na imprensa sobre a necessidade de uma nova divisão sexual do trabalho, e poucos debates trazem à tona a questão dos direitos reprodutivos. Embora se perceba que esses temas – na prática – já estejam na ordem do dia de milhares de homens e mulheres, eles não são significativos no repertório da imprensa e dos veículos de comunicação. Em suma, o discurso da imprensa tomou emprestado do feminismo os aspectos que lhes eram interessantes para transformá-lo em um produto mercadológico.

No artigo já mencionado, Carmen da Silva dizia que

o clamor feminino, como já disse antes, tornou-se amplo e sério demais para ser ignorado. Mas os veículos de comunicação ainda são em sua grande maioria manejados pelos homens – e estes continuam ciosos da “superioridade masculina” e empenhados em manter os privilégios (supostos ou reais) que ela lhes outorga. [...] Desse modo, o bombardeio de mensagens a que nos submetem cada dia tende, por todos os meios, a solapar as reivindicações feministas. Muitas vezes simulando encampá-las, mas de forma a reduzir sua extensão e amesquinhar seu alcance. (SILVA, 1994, p. 78).

Talvez Carmen tenha sido levada a concluir que a sua própria coluna mensal – publicada por tantos anos consecutivos – estava inserida nessa lógica de transformar o feminismo em “palavras”. Mas, se, por um lado, é inegável que sua coluna só foi viável porque houve um convencimento do mercado editorial e da imprensa sobre a pertinência do feminismo como a “pauta” daquele momento histórico, também o é que seus escritos ultrapassaram essa intencionalidade, influenciando gerações de homens e mulheres a gerar um novo olhar sobre as relações que os implicam.

Para além da lógica que envolve uma gradual pasteurização do feminismo pela imprensa a fim de torná-lo mais palatável, é possível perceber uma relação de contínua resistência por parte de diversas pensadoras que, a exemplo de Carmen, buscaram e ainda buscam, ocupar espaços nos meios de comunicação para divulgar seus ideais. Analisar as relações de poder entre imprensa e feminismo implica interpretar que se trata de um fenômeno histórico horizontal. Se, por um lado, há e houve a tentativa de esvaziar o feminismo do seu conteúdo político mais radical, é perceptível que suas idéias foram capazes de arquitetar espaços de resistência na imprensa e na sociedade, que passou a incorporar, ao menos parcialmente, aspectos do pensamento feminista.

O conceito de circularidade pode ser eficaz para tentar compreender essa relação entre as idéias feministas e a sua recepção na imprensa brasileira. Trazendo para o campo das idéias um conceito que o historiador Carlo Ginzburg (2003) utiliza para analisar a cultura, pode-se afirmar que diferentes pensamentos têm o poder de transitar entre si e buscar – de forma camaleônica – reformulações e reinterpretações que acabam por gerar uma nova forma de pensar, que não é cópia ou mera absorção de um pensamento dominante pelo pensamento subalterno, ou vice-versa. Trata-se de um processo de antítese através do qual algo de novo passa a ser criado.

Assim, a relação do feminismo, como um pensamento subalterno, com a imprensa brasileira (permeada por um pensamento hegemônico misógeno) está longe de ser uma relação linear, que muda de acordo com o tempo ou com a década em questão. Igualmente, não se trata de uma relação de poder vertical, na qual haja um domínio incontestado do pensamento hegemônico. Para entender esse complexo relacionamento, é preciso examiná-lo como resultado de tensões sociais e intelectuais, de influxos recíprocos, parafraseando Ginzburg. Influxos esses que convidam a pensar sobre as mudanças que ocorreram e que ainda estão em curso, quando a imprensa se defronta com o feminismo e com mulheres notáveis como o foi a gaúcha Carmen da Silva.

Notas

¹ Sobre o debate acerca do conceito de gênero e sua apreensão pela história social veja-se: TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, São Paulo, n. 3, 1994; VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, São Paulo, n. 3, 1994; MATOS, Maria Izilda S. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

² Jornal *Folha da Tarde*, 9/8/1979, artigo de Rogério Mendelski.

³ A declaração de Thomaz Souto Corrêa faz parte do prefácio da publicação organizada por Laura Civita, intitulada *O melhor de Carmen da Silva*, que reúne diversos artigos publicados ao longo de três décadas na *Revista Cláudia*. É interessante notar que

nessa declaração, Thomaz Souto Corrêa afirma que o encerramento da coluna *Arte de ser mulher* foi uma decisão após o falecimento de Carmen da Silva, pois essa era insubstituível. Contudo, a não-continuidade da coluna criou um vazio na revista, que, paulatinamente, passou a dedicar menos espaço às temáticas de cunho feminista defendidas por Carmen.

⁴ Os artigos de Carmen da Silva utilizados como fonte neste artigo foram organizados em uma coletânea de textos da escritora, publicada após a sua morte, em 1994, sob a coordenação de Laura Civita. Esta publicação não apresenta as datas exatas das primeiras publicações dos artigos. Sendo assim, a datação foi feita de forma aproximada, através de consulta a outros artigos da escritora.

Referências

- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1985). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- SCHMIDT, Simone Pereira. O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 a 90. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000.
- SOIHET, Rachel. Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. In: MURARO, Rose Marie. *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.
- _____. Formas de violência, relações de gênero e feminismo. Artigo apresentado na conferência de abertura da Redefem, Rio de Janeiro: UFF, 2001b.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- PINTO, Céli Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 26, 34.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 33-36.
- THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Fontes

- SILVA, Carmen da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CIVITA, L. (Org.). *O melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- JORNAL Folha da Tarde. Edições de 9.8.1979; 11.8.1979; 13.8.1979; 11.6.1982.

Artigo recebido em julho de 2007. Aprovado em setembro de 2007.